

# O Padre-Bruxo de Trás-os-Montes

*Separar o sagrado do profano é a morte de Deus na alma do povo*  
Padre Fontes

Rodrigo Portella<sup>1</sup>

## Introdução

Foi por acaso! Ou não... Fato é que, pouco antes – e isso sim por acaso -, eu havia lido algo, em algum lugar, sobre ele, sobre uma homenagem universitária a ele, ou coisa do tipo. Mas, pouco tempo após a leitura, minha memória – que cada vez mais esquece do que lembra – evaporou a informação. E por assim ficou! (...)

Estava eu em Portugal, ao norte, na zona de Trás-os-Montes, a fuçar algumas igrejas que oferecessem um determinado tipo de arte, românica e de frescos, para minhas pesquisas em religião e arte, e para meu devaneio. Por acaso – será? – descobri que havia, no Concelho de Montalegre, Trás-os-Montes, uma freguesia, de seu nome Vilar de Perdizes, em que havia uma capela – já não românica – que apresentava certas pinturas murais quinhentistas bastante notáveis. Lá fui e, dando voltas ao lugar e não achando a dita cuja, fui dar à igreja paroquial da aldeia e, sendo hora pouco antes da missa, perguntei ao povo reunido à porta – velhos e velhas em pingado número – sobre a direção daquela capela. Aí começava meu surpreso périplo!

## O Padre Fontes

Entre diz daqui e dali, e eu já a ir conformado de a bendita capela estar fechada, aparece-me um afoto ancião, de andar e falar difíltulosos, a insistir que poderia mostrar-me a capela, a referir sobre um velho ídolo na igreja paroquial, tudo em palrar que a custo se compreendia. Após tentar decifrar a situação, e dizendo o homem que iria pedir ao pároco, por telefone, a chave da capela – sob meus protestos, que tudo queria eu menos incomodar o padre à hora da missa -, fui cedendo. E não é que, pouco depois, chegava o senhor reitor, já atrasado para a missa, com a chave e o incentivo de que eu acompanhasse o idoso homem à capela!

Dei boleia ao homem que me mostrou a capela e, logo após, dando voltas à aldeia, descobri ser ele o Padre Fontes, aquele que já havia eu esquecido de ter lido sobre ele em algum lugar. Um senhor de 85 anos que, embora limitado no andar e falar, baralhados eles pela doença de *Parkinson* que começara a se manifestar cerca de vinte anos antes, ainda sim era algo hábil e forte no andar e eloquente no falar, que a custo eu entendia.

O Padre António Lourenço Fontes levou-me a um *tour* pela aldeia, mostrando-me, de lés a lés, pontos de interesse histórico no Vilar. Fomos ao antigo e abandonado “hospital”, albergue de peregrinos que rumavam para Santiago de Compostela; ao “forno do povo” em que, em épocas não tão remotas, as mulheres reuniam-se para, comunitariamente, amassarem

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e Professor no Departamento de Ciência da Religião.

e assarem o pão; ao “boi do povo”, das *Chegas de Boi* (tradição rural barrosã), em sua réplica guardada em antigo casarinho de pedra; à casa do antigo pároco da aldeia e seu antecessor, Padre Domingos José Barroso, de grande fama no lugar, homem culto, poeta, escritor e pastor querido pelo povo. Mas só me dei plenamente conta, com memória novamente fresca, de quem era meu guia, quando chegamos à sua casa que, na verdade, é um “museu vivo”, caso tal expressão tenha sua razão de ser. Sim, era ele o Padre bruxo!

Fora pároco em Vilar de Perdizes de 1971 a 2005, quando reformou-se devido à doença. Antes, de 1963 a 1971, servira de padre em Pitões das Júnias – do famoso mosteiro românico - e Tourém, também freguesias de Montalegre, Diocese de Vila Real. E, embora tenha sido padre, a vida inteira, no Concelho de Montalegre – por razões pessoais e de, talvez, melhor vigilância episcopal (mas disto não vai aqui maior reflexão)<sup>2</sup> -, andou por meio mundo em viagens mirabolantes, inclusive na Rússia da ainda União Soviética, em países do extremo Oriente e, claro, Brasil, como convém aos da terrinha (re)ver. Foi conferencista em várias partes do mundo e colaborou com diversos órgãos da imprensa portuguesa.

Sua casa – uma construção de pedra do século XVIII - revelava um sem número de lembranças de um homem que soube viver à larga. Sem quase, em funções de pároco, sair de seu *terroir*, ganhou o mundo. Foram muitos os desbravares: foi jornalista, fundador, dono, diretor e editor do jornal *Notícias do Barroso*, que circulou entre 1972 e 2006, quando de seu afastamento do jornal<sup>3</sup>; etnólogo, geólogo<sup>4</sup>, botânico e antropólogo leigo que a muitos profissionais deu lição, a descrever seu povo com as minúcias de quem dele faz parte; fundou infantário, hotel temático, centros sociais, mini-museus do povo; deu aporte a vários ranchos folclóricos; organizou os Jogos Populares Galaico Transmontanos; criou a Feira do Fumeiro de Montalegre e esteve ativo em uma enormidade de outras iniciativas pastorais, acadêmicas e culturais. Poeta, nas horas vagas era músico pianista e violinista. Em 2012 foi condecorado com a *Ordem do Mérito* pelo presidente da República Portuguesa.

Em seu jornal e em livros é, principalmente, o etnólogo que aparece, a historiar e descrever toponímias, linguagens e oralidades, gírias, paremiologias, lendas, costumes agrícolas e pecuários, jogos tradicionais, músicas, arquiteturas, costumes vários e, entre muitos outros temas, as crenças do povo, sua principal paixão.

O Padre Fontes daria muitos livros, é certo, e não poucas *entradas* para pesquisas, mas o que aqui nos importa são duas de suas características as mais peculiares: a organização dos congressos de “bruxas” e as festas das bruxas a cada sexta-feira 13, nas ruas e castelo milenar de Montalegre.

---

<sup>2</sup> Como depreender-se-á após a leitura do presente texto, o Padre Fontes nem sempre teve uma relação tranquila com seus superiores hierárquicos, e isso desde os seus estudos no Seminário, como se percebe na leitura de seus diários da época de estudantes, recentemente publicados (FONTES, António. *Diários: 1962-66*. Lisboa, Âncora, 2023). Um bispo com um padre assim, melhor mantê-lo por perto, mas distante, a paroquiar as aldeias mais profundas. Porém, bem ou mal, era isso mesmo que o Padre Fontes queria, e que o fez ser quem é.

<sup>3</sup> Foram 259 edições do jornal, cuja redação era quase toda do Padre Fontes. Estando em sua casa, deu-me ele uma maçaroca de edições do hebdomadário. O jornal, como se depreende, é fonte valiosa de pesquisa sobre as ideias e iniciativas do Padre Fontes. No caso, *Barroso* é o nome dado às regiões formadas pelos Concelhos de Montalegre e Boticas.

<sup>4</sup> Em sua casa mostrou-me um apanhado de pedras, rochas, fragmentos minerais, a contar suas histórias, origens e usos.

Como etnólogo, o Padre Fontes dedicou grande parte de sua atividade pastoral a conhecer e recolher, da vida e da boca de seu povo, histórias<sup>5</sup>, lendas e receitas populares. Como sacerdote, tinha facilidade para ouvir de seus paroquianos suas angústias, medos, esperanças, alegrias e histórias, e nenhum momento perdia para ouvir e registrar a vida rural e seu mundo, como, por exemplo, segue:

Ao fim da missa, ementes tomava o café na Mariana, em V. Perdizes, a conversa dos mais velhos (Sarracas) surgiu. Falamos dos sinais nas pessoas e como aparecem. (...) nas matanças o que anda com a mão na passarinha do porco não deve chega-la a mulher prenha, porque o filho nasce com o sinal no lugar tocado. (...) Também não deve beber pela garrafa, o filho nasce com o lábio rachado" (Notícias de Barroso, Abril de 1989, p. 4)

Foi um incansável compilador de um Portugal profundo, esquecido ou desprezado pelas elites cultas e acadêmicas, bem como pelos poderes políticos de sua terra. Particularmente fez a recolha das receitas com ervas para a cura de todos os males, bem como das orações e esconjuros daquelas que, no Brasil, se conhece como benzedeiras ou rezadeiras, mas que em Portugal são mais conhecidas por “bruxas” ou “feiticeiras”.

### Os Congressos de Medicina Popular

Estudando a medicina popular, com suas ervas e crenças, teve a ideia de organizar, em 1983, os *Congressos de Medicina Popular*, a partir dos quais foi-lhe dada a alcunha de Padre-Bruxo, pois tais congressos – que ocorrem até hoje, por setembro -, não só reuniam pessoas que trabalhavam com fitoterapia, homeopatia e outras técnicas naturais e populares de medicina, como também reuniam uma série de pessoas (auto)intituladas de magos, bruxos, curandeiros, terapeutas holísticos e toda a mais gama de títulos e práticas que rondavam a – muito em voga, à época -, *new age*.

Figura 1: Momento de um dos *Congressos de Medicina Popular*.



Fonte: EcoMuseu do Barroso. Reproduzido para fins de análise acadêmica.

<sup>5</sup> Tenho alguma dificuldade com a consagrada distinção entre história, com h, e estória, com e. Não sendo o depoimento em tela um artigo acadêmico *stricto sensu*, declino de aqui entrar nas brenhas teóricas da questão, e apenas anoto que toda e(h)stória, por vir à existência, de um jeito ou de outro existente é.

Os congressos, a cada ano, atraíam cada vez mais pessoas de outras zonas de Portugal e, já logo, de outros países europeus e mesmo de fora da Europa, contando com conferencistas de variado leque de saberes da medicina popular, tradicional ou alternativa à medicina alopática. A conjunção entre saberes fármaco e médicos tradicionais e práticas espirituais/religiosas populares alternativas às religiões tradicionais – embora delas também devedoras e com elas sincretizadas - mostrava a união ou interdependência entre a natureza, o saber tradicional e a espiritualidade em relação com a cura que, sendo cura, curaria corpo e alma, e talvez mais esta do que aquele, ou aquele por cauda desta. E, de fato, o Padre Fontes foi – e é – um entusiasta da “medicina popular como um lugar de encontro e equilíbrio do trinómio Homem-Natureza-Divindade” (Pignatelli, 20021, p. 17). Sua importância para a região – e para a circulação dos saberes por ele compilados – é tão grande que o *EcoMuseu do Barroso*, junto ao castelo de Montalegre, tem uma sala com exposição permanente sobre ele<sup>6</sup>.

É o próprio Padre Fontes, contudo, que faz a síntese dos objetivos do congresso por ele criado:

O congresso de Medicina Popular tem como objetivos: o reconhecimento dos valores populares para um mundo saturado de químicos e fármacos. Legar às gerações mais novas conhecimentos e práticas na área da saúde local e aos novos médicos e paramédicos o saber e cultura popular para melhor diagnóstico e terapias. A recolha e amostra de plantas medicinais locais e do mundo e a sua divulgação mundial, para restabelecer o equilíbrio ecológico, gastronómico e psíquico (Diário do Barroso, Setembro de 1992, p. 1).

Como se percebe, vasta é a intenção – a “divulgação mundial”<sup>7</sup> -, e também variegada, pois o uso da medicina popular, é dizer, da cura que proporciona, tem também relação com o “equilíbrio ecológico, gastronómico e psíquico”.

## O Larouco e as bruxas

Mas como uma coisa puxa outra, a medicina tradicional, as lendas, mezinhas e rezas populares e os arautos da Nova Era – em vários de seus matizes – trouxeram ao congresso e às atividades de etnólogo do padre o tempero pagão dos deuses antigos que aquela região de serranias entre o Gerês e o Barroso, nas fronteiras da Galícia espanhola, guardavam tão bem, e, em memórias passadas e repassadas de geração a geração, modificadas e adaptadas, vistas e revistas, o povo dava, aos antigos espíritos e deuses da região, o nome de diabos. Apaixonado pelo saber de seu povo – que era e é também o seu – o Padre Fontes ia dando à cultura popular sobre o diabo e os deuses de antanho o valor e o registro que, além de o tornar bruxo, o tornava, na boca do povo, o “padre do diabo” (e com isso, ao que me pareceu e parece, há mais carinhoso folclore do dizer do que preconceito ou destrato).

<sup>6</sup> Quando, ao visitar a tal capelinha das pinturas – já referida acima -, fui-me dando conta de quem ele era, disse-me ele, em sua dicção já de difícil compreensão, com a nostalgia de um ancião e a vaidade de um homem de saberes: “sou famoso!”. E no seu dizer notava-se a saudade de um homem que, agora bastante limitado por uma doença degenerativa, suspirava pelos tempos pretéritos.

<sup>7</sup> E o presente e modesto opúsculo, a divulgar sua obra no Brasil de tantas benzedeiras/rezadeiras, não seria já prova disso?

Figura 2: Pintura e fotografia do Padre-Bruxo, guardada em sua casa.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Vilar de Perdizes está junto à Serra do Larouco. E quem é o Larouco, a dar nome à sua Serra? Deus celta-galaico, fálico e guerreiro, sua morada é a Serra que leva seu nome, ou confunde-se ele com a sua própria toponímia. Para os propósitos aqui determinados não nos interessa tanto o saber sobre sua mitologia, mas sobre a recuperação de sua pagã memória que um padre católico, na esteira da valorização do conhecimento e da fé ancestral de um povo, fez. Afinal, o Larouco, como tantos deuses, era também um deus de cura, e a quem se oferecia sacrifícios de animais que ainda hoje povoam sua Serra.

O Padre Fontes conhece a Serra deste deus como ninguém mais a conhece. Cada rocha, cada local, cada significado. E, como veremos, fez com que o Larouco fosse, de algum modo, novamente “cultuado”. No segundo dia em que estive com o sacerdote, fez-me ele andar por alguns sítios da Serra e, com satisfação, mostrou-me a pedra/altar, com suas marcas, onde eram, em remotas Eras, ofertados sacrifícios de animais ao Larouco, bem como me mostrou, em outras rochas logo ao lado, marcas de quase imperceptíveis cruzes, heranças dos primeiros esforços missionários, ainda em épocas pré-medievais, de cristianizar – e exorcizar? – o local cuja memória remetia a um deus pagão.

Figura 3: O Padre Fontes, com a Serra e o altar Larouco ao fundo.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Mas minha maior surpresa foi, neste mesmo dia, ter-me ele levado, pouco antes de começar a missa na igreja paroquial da aldeia, dedicada a São Miguel Arcanjo, ao “próprio” Larouco! Sim, ele “mora” na igreja! A igreja de São Miguel, embora já tendo passado por muitas reformas e não tendo, hoje, a arquitetura arcaica de sua primeira planta – salvo engano românica -, tem, entretanto, a mesma estrutura basilar de pedras em que a fizeram erguer, ainda em tempos do medievo. Pois bem, já estando o povo em seu interior a esperar o início da missa – a ser celebrada pelo outro padre António que o substitui na paróquia há alguns anos -, leva-me ele ao átrio da pequena igreja e sobe lépido e ligeiro – ainda que com o bastão de apoio e a agilidade de movimentos das pernas algo comprometida pelo *Parkinson* -, ao pequeno coro acima. A escadinha ondulante de pedra era estreitíssima e íngreme, e confesso que eu, ainda com o governo pleno de meus passos, tive mais dificuldade do que ele para lá subir. Lá, na parte de cima da igreja, uma das pedras laterais da construção revelava uma outra divindade que não a cristã: a imagem rupestre do Larouco, esculpida a bem ver com seu enorme falo. O deus pagão que, como o diabo, espreita escondido no interior da igreja o senhorio de uma nova divindade que lhe tomara sua terra ancestral!

O Padre Fontes recupera a memória de uma divindade ancestral em vistas de recuperar, com ela, o ecossistema do entorno do *habitat* de sua gente, valorizar a terra, insuflar ao povo o amor por suas raízes, bem como o conhecimento e a consciência delas. Em seu jornal eram comuns prosas, poesias e odes como a que vai, em parte, aqui:

*Ao deus Larouco  
O deus Larouco  
Como um fauno louco  
Fecundou a serra  
Inseminou a terra  
Rolou penedos  
Engendrou medos  
(...)  
Sou um eremita  
A reescrever um tratado  
De ecologia  
De cósmica simpatia*

(Notícias de Barroso, junho de 1999, p. 4)

Figura 4: O deus Larouco entre as pedras da igreja.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O Larouco, como a divindade cristã que conquistou sua Serra e lhe substituiu, também conheceu uma ressurreição, não após três dias, mas após muitos séculos. E, ironia da história, foi ressuscitado pelos poderes de um sacerdote da divindade conquistadora. E aqui os *Congressos de Medicina Popular* e as andanças etnológicas e arqueológicas do padre se encontram e dão fruto que vai além da medicina popular e do Larouco, mas que é tributário deles: o festival “Sexta 13 – Noite das Bruxas”.

Desde 2002 sucede-se, a cada sexta-feira 13, a Noite das Bruxas, nas ruas e no castelo da sede do município de Montalegre. Hoje, a cada sexta-feira 13, pessoas de todas as partes de Portugal e Espanha lotam as ruas, hotéis, pousadas e restaurantes da cidade. São – ou se fazem de, em suas vestimentas, – bruxos, feiticeiras, duendes, monstros, diabos, enfim, um desfile de personagens que, à sério ou à guisa de folclore<sup>8</sup>, fazem de Montalegre um cenário quase carnavalesco. E tudo organizado e regido por um padre da Igreja Católica Apostólica Romana.

O Programa do festival variou durante os tempos, mas via de regra, hoje, tem a seguinte liturgia: às 13h13 da sexta-feira 13 – é claro! – é a abertura do “mercado negro” e têm início os festejos, com a animação musical feita por “bruxos, bruxas e demônios”; às 21h00 há o espaço acadêmico da UTAD<sup>9</sup>, com suas Tunas; por volta das 22 horas há um espetáculo teatral sobre temas de lendas sobre bruxas, deuses pagãos, diabos..., e com show pirotécnico em seguida; e quando a meia-noite se apresenta, o Padre Fontes conduz a feitura da Queimada, um tipo de bebida licorosa que é servida ao público; e faz ele o esconjuro de todos os males, como segue:

<sup>8</sup> Também não entro, aqui, no mérito de definições técnicas disputadas sobre o conceito de “folclore”, bastando, para a compreensão de como uso aqui o termo, a definição primeira do vetusto Caldas Aulete (1964, p. 1806): “tradições, crenças populares, etc”. E no democrático “etc” fica o leitor convidado a doar à palavra tudo o mais que queira.

<sup>9</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Esconjuro do Padre Fontes, o Bruxo-Mor

*Sapos e bruxas, mouchos e crujas,  
demonbos, trasgos e dianhos,  
spírtos das eneboadas beigas,  
corvos, pegas e meigas,  
feitiços das mezinheiras,  
lume andante dos podres canbotos furados,  
lužinha dos bichos andantes,  
luž de mortos penantes,  
mau olhado, negra inveja,  
ar de mortos, trevões e raios,  
uivar de cão, piar de moucho,  
pecadora língua de má mulher  
casada cum home belho.  
Vade retro, Satanás,  
prás pedras cagadeiras!  
Lume de cadávres ardentes,  
mutilados corpos dos indecentes peidos de infernais cus.  
Barriga inútil de mulher solteira,  
miar de gatos que andam à janeira,  
guedelha porca de cabra mal parida!  
Com esta culher levantarei labaredas deste lume,  
que se parece co do Inferno.  
Fugirão daqui as bruxas,  
por riba de silbaredos e por baixo de carbalhedos,  
a cabalo na sua bassoira de gesta,  
pra se juntarem nos campos de Gualdim.  
pra se banharem na fonte do areal do Pereira...  
Oubide! Oubide  
os rugidos das que estão a arder nesta caldeira de lume.  
E cando esta mistela baixe polas nossas gorjas,  
ficaremos libres dos males e de todo o embruxamento.  
Forças do ar, terra, mar e lume,  
a vós requero esta chamada:  
Se é verdade que tendes mais poder  
que as humanas gentes,  
fazei que os spírtos ausentes  
dos amigos que andam fora  
participem connosco desta queimada!<sup>10</sup>*

---

<sup>10</sup> Tal mezinha espiritual é a reunião de várias rezas, bênçãos, exorcismos e esconjuros saídos das histórias e lendas da boca do povo, e preservados em um português-galaico arcaico forjado nas raias entre o norte transmontano e o galego de Espanha.

Figura 5: Noite das Bruxas e o Feiticeiro-Mor Padre Fontes.



Fonte: EcoMuseu do Barroso. Reproduzido para fins de análise acadêmica.

Os festejos dos bruxos não só são celebrados na cidade como, também, em terras do Concelho, no hotel rural que fundou o sacerdote, com o sugestivo orago de Senhora dos Remédios (a fazer lembrança da medicina popular? A Virgem Maria a teria usado com seu divino infante?). À festa das bruxas, como é sabido, não falta o caldeirão e as estranhas e burlescas receitas. Vai aqui uma, servida aos convivas do regabofe:

SEXTA-FEIRA 13: Foi no hotel rural Senhora dos Remédios que a tradicional ceia de sexta-feira 13 teve lugar. O programa e o cardápio foi o seguinte: Presunto afumado nas lareiras do INFERNO; Pão que o diabo amassou no forno do povo; Caldo de urtigas; Vitela embruxada e Batata com murro de Bruxa; Rabanada com leite e mel de bruxa voadora; Vinho excomungado do outro Verão; Café negro como o diabo, quente no inferno; Levanta o Pau do diabo. (Notícias de Barroso, junho de 2003, p. 4.)

Mas engana-se quem pensa que o Padre Fontes só se ateve a este universo depois de padre, pois:

Nas férias [do Seminário Menor], quando tornava a casa, sentava-se na cozinha a ouvir as histórias da mãe. "Ela recitava-me ladainhas para curar todos os males, misturas de ervas para tratar enfermidades, responsos para afastar os demónios. Fazia-o para que eu me aprendesse a proteger agora que tinha saído debaixo da saia dela. Eu escrevia tudo, tudo, tudo." Só muito mais tarde perceberia o tesouro que estava a receber nas mãos. Nesses cadernos de 1950 há orações para afastar bruxas, outras para desviar as alcateias, há mezinhas para curar dores de garganta, azares sucessivos e os dias de solidão - estes, por exemplo, resolvem-se fervendo um caldo de urze, mel e uma pedra apanhada à porta de casa. Nos meses e anos seguintes estenderia a pesquisa às vizinhas, primeiro da sua aldeia, depois dos outros povoados isolados do Gerês. "Sentava-me a meio da tarde no terreiro com as velhas para ouvi-las contar o que sabiam. Ao início escrevia tudo, mas depois era tanta coisa que comecei a selecionar o que era mais valioso." No seminário, repetia aos companheiros o que tinha registado. Começou a correr nos corredores que o Fonte sabia curar males e a fama acabou por chegar aos ouvidos dos padres. "Levei reprimendas, fiquei de castigo muitas vezes por isso, mas nunca lhes fiz caso" (Diário de Notícias, Lisboa, 13/07/2018).

### Considerações finais, ou: Pensando alto sobre um padre singular

Mas o que crê, de fato, o Padre Fontes? Como organiza suas muitas faces em uma síntese que *o diga*, a parafrasear Nelson Rodrigues, “assim como ele é”? Minha conversa com o Padre Fontes, embora breve no período de dois dias entre andares de cá para lá e para acolá, não decifrou, é claro, esse homem tão singular em seus segredos, mas revelou-me, por sua boca, pistas de interpretação.

Padre Fontes é filho de sua terra. Como visto, desde cedo, em sua casa, nas vizinhanças, foi ouvindo as histórias de seu povo, as receitas caseiras e os benzimentos, as tradições e o jeito de ser dos seus que, ao fim e ao cabo, também são dele. Filho estudosso de sua aldeia, “foi para padre”, como dizem, ao Seminário, até Vila Real, sede do Distrito. E, em tal percurso, juntou a vida e a cultura de seu povo em formas ao mesmo tempo acadêmicas e criativas, dando-a a saber a um espaço bem maior que o do seu lugar, valorizando a cultura popular e projetando-a para além dos Trás-os-Montes.

De alguma forma o sacerdote entendia – ao que parece – que preservando as raízes folclóricas, ancestrais e de conhecimento de seu povo o preservaria de um mundo globalizado – era e é um crítico da União Europeia -, blindando-o dos males que ameaçam de dissolução a identidade regional. E vai mais além em seu bucólico idílio, pois não se tratava apenas da identidade cultural, posto que, por exemplo, entende que ao promover a cultura medicinal e espiritual de seu povo, promove:

técnica endógena de diálogo e carinho que ainda hoje é lição para os cientistas, ainda tão distantes desta região, que se sobrevive é ainda fruto de seu saber e força anímica de viver, onde o stress é curado, a droga não entra, a sida é desconhecida, as depressões tomam outros nomes derivados da crença no além (Diário do Barroso, setembro de 1992, p. 1)

No mais, engana-se quem pensa que o padre tivesse ou tenha visão disruptiva em relação ao cristianismo ou catolicismo mais ortodoxo. Embora, é claro, suas iniciativas no âmbito cultural possam causar certa estranheza – mormente a das bruxarias -, fato é que vê a perda da cultura cristã católica, erodida pelo secularismo, como um mal, e associa a permanência da cosmovisão católica com a preservação da cultura/religião popular, em que uma sustenta a outra, e a perda de uma é, consequentemente, a perda da outra. E lamenta a “descristianização” também para o olhar da ciência! Assim:

QUE RESTARÁ DAS CRENÇAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS. (...) Assistimos a uma descristianização acelerada, a uma tolerância maior para outros credos e seitas, a uma desmistificação de mitos e ritos que no passado alimentaram uma fé superficial, mas rígida, uniforme. Hábitos que mudam devido a uma cultura laicizante. (...) A religião popular que combina uma e outra, sem fazer fronteiras, também está se despede de rituais, empobrecendo o brilho das festas populares, paraíso de crentes e antropólogos, sociólogos e turistas (Notícias de Barroso, dezembro de 1996, p. 4)

Alguma conversa com o sacerdote, ainda que limitada por sua comunicação *parkisoniana* – como ele a diz -, me fez alguma impressão e, aqui, digo-o bem claro: foi e é a minha percepção que aqui vai, sob minha ótica, e o mais que se possa dizer carece ainda de mais conversa – até quando se poderá a ter -, e mais pesquisa, que é coisa para adiante.

O padre bruxo, ou do diabo, disse-me – e aqui dou a síntese, não a palavra por palavra –, que seus estudos, anotações, jornal, festival, congressos de medicina popular e tudo o mais em que andou metido e a meter a outros, teve sempre como intento valorizar a cultura popular e “exorcizar” do medo do povo os diabos que, em suas lendas, estava ele envolvido. Crê o padre no diabo, em bruxas e em outros seres de semelhante calibre? Parece que não. Toma-os, simplesmente, por folclore, e para melhor mostrar a seu povo, a um tempo, que o folclore é belo e que o folclore é apenas folclore, fez com que o folclore fosse lembrado e celebrado *à grande*, e, por meio dele, pretendeu exorcizar os medos e temores do povo, talvez a seguir a famosa locução latina homeopática de que *similia similibus curantur*. Ou, se preferirem, como se diz com despeito pelo outro lado da fronteira: *me voy a cagar en la madre del diablo*. Sua valorização e celebração das coisas ocultas, pagãs, feiticeiras e demoníacas, parece-me, é uma grande catarse coletiva de tudo isso que intentou ele fazer. Mas a obra e seus significados, é claro, sempre fogem a seu autor, abrindo a cada pessoa um mundo! Fato é que, até onde sei, o sacerdote nunca se preocupou em teorizar, teologicamente, tudo que promoveu. Assim, foi mais etnólogo do que teólogo, mas nunca deixou de ser um “padre exorcista”!<sup>11</sup>

E a medicina natural, de seus famosos congressos a reunir não só terapeutas naturais e médicos alternativos, como também toda uma gama de “bruxos/as”, que é como ficaram conhecidas – já o eram – as pessoas que cultivavam saberes de cura diferentes dos legitimados pela ciência acadêmica alopática? Perguntei ao padre: “e o senhor, usa das receitas e ervas que tanto foram divulgadas e discutidas nos congressos e recolhidas por si das tradições populares?” Sua surpreendente resposta foi: “não uso nada!”, e em sua resposta havia um tom de ironia e quase um maroto sorriso. Referiu-se apenas a uma erva – que já não lembro qual – e, no mais, disse-me que nunca usou e não usa das tais medicinas também para o seu *Parkinson*.

“Mas como?”, pensei eu, a imaginar o paradoxo da situação. Um homem que foi referência das medicinas populares e naturais, ou das “bruxarias”, não usar o que tanto organizou e divulgou? Não lembro bem, mas acho que cheguei a gracejar para ele o velho ditado que diz “casa de ferreiro, espeto de pau”. Pois é! Também aqui não era o “médico das ervas” que promovia o que tanto promoveu, mas o etnólogo a trabalhar, o homem que, sem entrar nos méritos do crer ou não crer o que promovia, tinha como grande missão de sua vida valorizar o saber popular, a cultura de seu povo em todas as suas expressões, dar-lha ao mundo, e também dar-lha a pessoas como eu que, por acaso ou não – *yo no creo en las brujas, pero que las hay, las hay* – teve a grata satisfação de o conhecer.

## Referências

**Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas-Aulete.** Lisboa, Rio de Janeiro: Pinto Basto, Delta, 1964.

FONTES, António. **Diários: 1962-66.** Lisboa: Âncora, 2023

---

<sup>11</sup> Como se lê no Esconjuro, trata-se de uma forma de exorcismo popular para, justamente, afastar os demônios, monstros e seres de semelhante gênero. E, paradoxalmente, numa festa dedicada a tais seres!

**Notícias de Barroso.** (Jornal regional, várias edições). Vilar de Perdizes, Portugal.

O terço na mão e o diabo no coração: o diário secreto do Padre Fontes. In: **Diário de Notícias**, Lisboa, 13/07/2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/padre-fontes-o-terco-na-mao-e-o-diabo-no-coracao-9583681.html>. Acesso em 19/07/2025.

PIGNATELLI, Marina. Prefácio. In: COSTA, Adalberto; MEIRELES, Carlos; PEREIRA, Pedro (organizadores). **António Fontes: Memórias do Barroso**. Lisboa: Âncora, 2021.

Recebido em: 10/03/2025  
Aceito em: 24/06/2025